



# MOBILIDADE ACADÊMICA 2016

18 de dezembro de 2016

## BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: \_\_\_\_\_ N.º de Inscrição: \_\_\_\_\_

### ÁREA V – LETRAS, COMUNICAÇÃO E CIÊNCIAS DAS ARTES

Artes Visuais; Cinema e Audiovisual; Comunicação Social (Jornalismo; Publicidade e Propaganda); Libras e LP; Língua Alemã; Língua Espanhola; Língua Francesa; Língua Inglesa; Língua Portuguesa; Produção Multimídia; Museologia e Teatro.

#### LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTEs.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém **40** questões objetivas, sendo **10** de **Língua Portuguesa**, **10** de **Literatura**, **10** de **Filosofia** e **10** de **História**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item 4.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado e assinar a lista de presença.
- 11 Após às **16h30min** você pode solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

## LÍNGUA PORTUGUESA

### As confissões sinceras de um ladrão brasileiro

1 “GOSTO DE SER ladrão, doutor. Esta palavra tem uma conotação feia, mas a origem dela é *latrones*,  
2 os sujeitos que ficavam na lateral, ao lado dos reis e príncipes. Minha origem é, portanto, ilustre. Não sou  
3 um ladrão de galinhas, mas confesso que roubava galinhas do vizinho e até hoje sinto o cheiro das penas  
4 que eu agarrava, prendendo-lhes o bico para evitar cacarejos e ficou-me o gosto do terror de o vizinho  
5 aparecer e acho que virei ladrão pelo prazer desse medo.

6 “Já fui dono da CAG Ltda., que era da viúva de meu ex-sócio, que, em circunstâncias misteriosas,  
7 apareceu assassinado no Motel Crazy Love e que, antes de morrer, que Deus o tenha, já tinha transformado  
8 a CAG em subsidiárias com sede em Miami, a ASS & HOLE Inc., a COCK & DICK participações, geridas por  
9 uma *holding* em Barbados.

10 “Hoje, não roubo por necessidade, doutor; é prazer mesmo. Nunca fui pobre, mas preciso da adrenalina  
11 que me acende o sangue na hora em que a mala preta voa em minha direção, cheia de dólares, quando vejo  
12 os olhos covardes do empresário me pagando a propina, suas mãos trêmulas me passando o tutu, ou quando  
13 o juiz me dá ganho de causa, ostentando honestidade, e finge não perceber minha piscadela-cúmplice na  
14 hora da emissão da liminar, todos sabujos diante de meu poder burocrático. Adoro a sensação de me sentir  
15 superior aos otários que me 'compram', eles se humilhando em vez de mim. Roubar é *sexy*, doutor. Dá tesão.  
16 Semelha um pouco às brincadeiras no porão onde eu e menininhos troca-trocávamos com pânico de um pai  
17 aparecer; roubar também me liberta, eu explico, me tira do mundo dos obedientes e me traz quase um  
18 orgasmo quando embolso uma bolada, o senhor já conheceu a alegria de andar com 300 mil dólares  
19 distraidamente dentro de uma ingênua pastinha e deixá-la de propósito ali no balcão da lanchonete, tomando  
20 um cafezinho sob a ignorância de transeuntes e pedintes que mal suspeitam que a salvação de suas vidas  
21 estaria ali, ao lado do açucareiro? E o prazer de sentir o espanto de uma prostituta, se você lhe arroja mil  
22 dólares entre as coxas, e vê sua gratidão imediatamente acesa, fazendo-lhe caprichar em carícias mais  
23 sacanas? Conhece, doutor, a delícia de rolar em notas de 100 dólares na cama de um hotel vagabundo, de  
24 madrugada, sozinho, comendo castanhas e chocolatinhos do *frigobar*, em uma cidade remota, onde rolou  
25 mais um financiamento de grana pública? Conhece a delícia de ostentar honestidade em salões, para caretas  
26 inscientes que te xingam pelas costas, mas que te invejam secretamente pelas experiências que imaginam  
27 que você teve? Sabe do deleite de ver suas mulheres te olhando como um James Bond ao contrário,  
28 excitadas, pensando nos colares de brilhantes que poderiam ganhar de mim, o Arsène Lupin, *charmeur*,  
29 sorridente, pois todo bom ladrão é feliz e delicado, principalmente com as damas? O senhor não tem ideia,  
30 nessa sua obstinada integridade, do orgulho que temos, mesmo quando roubamos verbas de remédios para  
31 criancinhas, de aguentar o sentimento de culpa que bate em nossa consciência como mariposas numa janela  
32 e conseguir dominar a vergonha e transformá-la na bela frieza que faz o grande homem? O honesto é triste,  
33 doutor, a virtude dá úlcera, o honesto anda de cabeça baixa com baixos proventos, com uma vida limitada,  
34 sem conhecer o coração disparado, o gosto ácido da aventura, o honesto não sabe da santidade da sordidez,  
35 de onde contemplamos o mundo careta com desprezo.

36 “Eu sou especializado em bens públicos, doutor, é o que me dá mais tesão, saber que estou roubando  
37 todo mundo e ninguém, um dinheiro tradicional que já foi de tantas oligarquias. No Brasil, há dois tipos de  
38 ladrões, na elite é claro, não falo de 'carandirus'. Há o ladrão extensivo e o intensivo. O primeiro é aquele  
39 que vai roubando ao longo da vida política e ao fim de 30 anos já tem Renoirs, lanchões, helicópteros,  
40 esposas infelizes e adquire uma respeitabilidade por seu roubo difuso, ganha uma espécie de título de barão  
41 ou conde e que, depois, pode se limpar nas artes ou na filantropia. Eu prefiro ser 'intensivo', doutor, me dá  
42 mais adrenalina, mais pá-pum, mais relâmpago, uma delícia, doutor, roubar como vingança contra passadas  
43 humilhações, dores de corno, porradas na cara não revidadas.

44 “E o prazer da lealdade entre criminosos, doutor, conhece? A telepatia das piscadas, dos códigos, a  
45 delícia do conto-do-vigário em dupla, quando um diz 'mata' e o outro 'esfola'? Já viu, doutor, um capanga  
46 seu, um 'armário' mau, quebrando o dedo de um devedor dentro da sala, sob teu olhar, proibindo-o de gritar,  
47 enquanto o dedo estala sob a manopla do crioulo? E o diálogo oblíquo com algum assassino de aluguel,  
48 acertando os detalhes de um prefeito ou empresário a apagar? E o êxtase maior de ver uma execução, ver  
49 as súplicas de pavor, enquanto os matadores passam o fio de náilon em volta da garganta do boneco e  
50 puxam até ele cair, eu confesso que tive uma ereção vendo essa cena num terreno baldio, debaixo de uma  
51 placa de financiamento público, e depois tive a maravilhosa sensação de liberdade de chegar em casa no  
52 absoluto segredo do crime e beijar meus filhos vendo desenho animado na TV, indo depois tomar um grande  
53 banho na *jacuzzi*, protegido de tudo.

54 “Olhe para mim, doutor. Eu estou no lugar da verdade. Este país foi feito assim, na vala entre o público  
55 e o privado. Há uma grandeza insuspeitada na apropriação indébita, florescem ricos cogumelos na lama das



56 maracutaias. A bosta não produz flores magníficas? O que vocês chamam de 'roubalheira', eu chamo de  
57 'progresso', um progresso português, nada da frieza anglo-saxônica.  
58 "São Paulo foi construída com esse combustível, Brasília foi feita de lindas ladroagens. Tudo que é belo  
59 e bom nasceu da merda. Esta é a tradição do Brasil, doutor..."  
(JABOR, Arnaldo. **Amor é prosa, sexo é poesia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004)

- 1 O texto de Arnaldo Jabor focaliza um assunto sempre presente e atualmente em destaque na sociedade brasileira. Dando voz a um personagem importante – o *ladrão brasileiro* –, o autor fala da
- (A) corrupção presente na política.
  - (B) integridade de empresários e juízes.
  - (C) honestidade do político brasileiro.
  - (D) deslealdade entre os criminosos.
  - (E) felicidade das pessoas honestas.
- 2 Há, no texto, algumas marcas indicando que o *ladrão brasileiro* fala e se dirige a alguém. Essas marcas são
- (A) as aspas, o pronome *que*, o vocativo *doutor*.
  - (B) o vocativo *doutor*, verbo no imperativo e as vírgulas.
  - (C) as perguntas retóricas, o vocativo *doutor* e verbo no imperativo.
  - (D) a forma de tratamento *o senhor*, as aspas e as vírgulas.
  - (E) o pronome *que*, as vírgulas e as perguntas retóricas.
- 3 Falando de sua atividade, o *ladrão brasileiro* explica que se tornou ladrão por
- (A) covardia.
  - (B) necessidade.
  - (C) prazer.
  - (D) acaso.
  - (E) lealdade.
- 4 O *ladrão brasileiro* tem origem ilustre. Segundo o texto, isso se deve ao fato de
- (A) ele nunca ter sido pobre.
  - (B) ele ter sido dono da CAG Ltda.
  - (C) ele ser descendente de reis e príncipes.
  - (D) ele ser Arsène Lupin, ladrão charmoso e elegante.
  - (E) *latrones* significar sujeitos que ficavam ao lado de reis e príncipes.
- 5 No texto, há algumas palavras em destaque, como *latrones* (linha 1), *sexy* (linha 15), *frigobar* (linha 24) e *charmeur* (linha 28). Esse destaque se dá em decorrência de essas palavras
- (A) significarem o *glamour* da vida de ladrão.
  - (B) serem empregadas para caracterizar o ladrão.
  - (C) serem de origem estrangeira.
  - (D) terem significados muito semelhantes.
  - (E) serem todas palavras comuns na língua portuguesa.
- 6 No trecho "Conhece a delícia de ostentar honestidade em salões, para caretas inscientes que te xingam pelas costas, ..." (linhas 25 e 26), a expressão *caretas inscientes* pode ser substituída, sem prejuízo do significado, por
- (A) pessoas antiquadas e ignorantes.
  - (B) pessoas tristes e carentes.
  - (C) pessoas agressivas e inconsequentes.
  - (D) pessoas castas e prudentes.
  - (E) pessoas ultrapassadas e dissidentes.



- 7 No texto, foram empregadas várias palavras para fazer referência a *dinheiro*. Assinale a alternativa em que todas as palavras se referem a dinheiro.
- (A) proventos, manopla, grana.
  - (B) sabujos, propina, dólares.
  - (C) penosas, verba, bolada.
  - (D) dólares, tutu, grana.
  - (E) carandirus, tutu, verba.
- 8 O paradoxo é uma figura de linguagem em que se expressa uma ideia por meio de palavras cujos sentidos são contraditórios. Esse recurso expressivo foi empregado no trecho
- (A) “... todos sabujos diante de meu poder burocrático.” (linha 14)
  - (B) “O senhor não tem ideia, nessa sua obstinada integridade, do orgulho que temos.” (linhas 29 e 30)
  - (C) “Eu sou especializado em bens públicos, doutor...” (linha 36)
  - (D) “... o honesto não sabe da santidade da sordidez...” (linha 34)
  - (E) “E o diálogo oblíquo com algum assassino de aluguel...” (linha 47)
- 9 No trecho “São Paulo foi construída com este combustível...” (linha 58), a palavra combustível se refere a
- (A) ricos cogumelos.
  - (B) roubalheira.
  - (C) flores magníficas.
  - (D) verdade.
  - (E) progresso.
- 10 De acordo com o texto, a tradição no Brasil é
- (A) transformar pobreza em riqueza.
  - (B) roubar o dinheiro público.
  - (C) trabalhar para o progresso.
  - (D) progredir à moda anglo-saxônica.
  - (E) evitar o progresso português.

## LITERATURA

- 11 No conjunto de textos atribuídos a Gregório de Matos (c. 1633-1696), destaca-se a vertente satírica, expressa com os recursos da retórica barroca. Assinale a alternativa em que o poeta recorreu à antítese para veicular um conteúdo de crítica social.
- (A) “A cada canto um grande conselheiro, / Que nos quer governar cabana, e vinha, / Não sabem governar sua cozinha, / E podem governar o mundo inteiro.”
  - (B) “Que falta nesta cidade?... Verdade / Que mais por sua desonra... Honra / Falta mais que se lhe ponha... Vergonha.”
  - (C) “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia, / Depois da Luz se segue a noite escura, / Em tristes sombras morre a formosura, / Em contínuas tristezas a alegria.”
  - (D) “Triste Bahia! oh quão dessemelhante / Estás, (*sic*) e estou do nosso antigo estado! / Pobre te vejo a ti, tu a mi (*sic*) empenhado, / Rica te vejo eu já, tu a mi abundante.”
  - (E) “Entre as partes do todo a melhor parte / Foi a parte, em que Deus pôs o amor todo, / Se na parte do peito o quis pôr todo, / O peito foi do todo a melhor parte.”



12 Considere o poema de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), a seguir reproduzido.

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,  
Em meus versos teu nome celebrado;  
Por que vejas uma hora despertado  
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,  
Fresco assento de um álamo copado;  
Não vês ninfa cantar, pastar o gado  
Na tarde clara do calmoso [quente] estio.

Turvo banhando as pálidas areias  
Nas porções do riquíssimo tesouro  
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro  
Enriquecendo o influxo em tuas veias,  
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.  
(In: *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro:  
Nova Aguilar, 1994. p. 51-2)

Quanto à interpretação do texto, é correto afirmar:

- (A) No segundo quarteto do poema, fica evidente que o poeta tem consciência de que os temas árcades tradicionais estão deslocados em relação à realidade brasileira (“Não vês ninfa cantar...”).
- (B) As referências locais do poema (rio, areias, campo, ouro, etc.) justificam a classificação do poema como árcade.
- (C) No excerto “Quanto em chamas fecunda, brota em ouro”, critica-se a busca desenfreada pelo ouro, que marcou um período da história brasileira.
- (D) A alusão a um “sombrio, / Fresco assento de um álamo copado” representa um forte apelo local, numa antecipação de traços românticos.
- (E) Na passagem “Nas porções do riquíssimo tesouro / O vasto campo da ambição recreias”, critica-se a ação da Coroa Portuguesa em relação ao Brasil.

13 Compare os textos a seguir transcritos.

#### Texto I

“E assim **seguimos nosso caminho, por este mar, de longo, até que**, terça-feira das **Oitavas de Páscoa**, que foram vinte e um dias de abril, estando da dita ilha obra de 660 ou 670 léguas, segundo os pilotos diziam, topamos alguns sinais de terra, os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, assim como outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E, quarta-feira seguinte, pela manhã **topamos aves** a que chamam fura-buxos. [...] Neste dia, a horas de véspera, **houvemos vista de terra!**”  
(CORTEÃO, Jaime. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Portugal, 1967. p. 222)

#### Texto II

PERO VAZ CAMINHA / a descoberta  
Seguimos nosso caminho por este mar de longo  
Até a oitava da Páscoa  
Topamos aves  
E houvemos vista de terra  
(ANDRADE, Oswald de. *Poesias Reunidas*. 3. ed.  
Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. p. 18)

Quanto à interpretação dos textos, é correto afirmar:

- (A) A referência a aves (“Topamos aves”) é comum aos dois textos, contudo, no texto I, esta expressa uma defesa da Coroa Portuguesa.
- (B) Graças a um processo de colagem, o texto fundador é recortado criticamente por Oswald de Andrade, o que lhe permite rever poeticamente a ação colonizadora portuguesa.
- (C) O texto II mantém a dimensão histórica do texto I, ao reproduzir meramente passagens soltas de Caminha.
- (D) A releitura de Caminha por Oswald de Andrade se baseia na manutenção do nacionalismo romântico.
- (E) A descrição da fauna (aves) e da flora (ervas, botelho, etc.), no texto I, faz-se acompanhar do discurso de preservação do patrimônio natural do Brasil.



14 Considere os fragmentos do poema “I-Juca-Pirama”, de Gonçalves Dias (1823-1864), a seguir transcritos.

No meio das tabas de amenos verdores,  
Cercadas de troncos — cobertos de flores,  
Alteiam-se os tetos d’altiva nação; [...]

Por casos de guerra caiu prisioneiro  
Nas mãos dos Timbiras: — no extenso terreiro  
Assola-se o teto, que o teve em prisão;  
Convidam-se as tribos dos seus arredores,  
Cuidosos se incubem do vaso das cores,  
Dos vários aprestos [apetrechos] da honrosa função. [...]

Garboso nas plumas de vário matiz.  
Em tanto as mulheres com leda trigança [pressa],  
Afeitadas [acostumadas] ao rito da bárbara usança [uso],  
O índio já querem cativo acabar:  
A coma [cabeleira] lhe cortam, os membros lhe tingem,  
Brilhante enduape [faixa de penas] no corpo lhe cingem,  
Sombreira-lhe a frente gentil canitar [penacho].  
(DIAS, Gonçalves. *Poesia e Prosa Completas*. Rio de Janeiro:  
Nova Aguilar, 1998. p. 379-380)

Quanto à interpretação do texto, é correto afirmar:

- (A) Os fragmentos transcritos indiciam ainda a presença de elementos clássicos na poesia de Gonçalves Dias, pela retomada do herói tradicional.
- (B) Ocorre uma representação heroica do indígena brasileiro, ainda que haja referência a uma prática de “bárbara usança”.
- (C) O vocabulário utilizado pelo poeta (taba, enduape, canitar, etc.) aponta para uma valorização da cultura popular em detrimento de uma matriz europeizante.
- (D) No trecho “Afeitadas ao rito da bárbara usança, / O índio já querem cativo acabar”, verifica-se uma crítica ao extermínio do índio pelo branco.
- (E) A referência à guerra — “Por casos de guerra caiu prisioneiro / Nas mãos dos Timbiras” — vincula-se ao período de colonização do Brasil.

15 Na poesia lírica do escritor romântico português Almeida Garrett (1799-1854), há uma clara polaridade entre o amor e o desejo. Tal polaridade está exemplificada no trecho:

- (A) “Eu no teu seio divino / Vim cumprir o meu destino... / Vim, que em ti só sei viver, / Só por ti posso morrer.”
- (B) “Vem do amor a Beleza, / Como a luz vem da chama. / É lei da natureza: / Queres ser bela? — ama.”
- (C) “Este inferno de amar — como eu amo! — / Quem mo pôs aqui n’alma ... quem foi? / Esta chama que alenta e consome, / Que é a vida — e que a vida destrói —.”
- (D) “Ai!, não te amo, não; e só te quero / De um querer bruto e fero / Que o sangue me devora, / Não chega ao coração.”
- (E) “Olha bem estes sítios queridos, / Vê-os bem neste olhar derradeiro... / Ai!, o negro dos montes erguidos, / Ai!, o verde do triste pinheiro!”



- 16 Leia os excertos do conto “Um caso da Cabanada”, do escritor paraense Marques de Carvalho (1866-1910), a seguir transcritos.

“Sabia-se já que rebentara na capital o movimento da Cabanada. Canoas, tripuladas por valentes remadores, haviam trazido, com inúmeros fugitivos, a nova da revolução tremenda. [...] Na matriz foi um só o pressentimento geral: os cabanos! Padre Constâncio quase desmaia no púlpito, muito pálido, sem voz. E nem desvanecido estava o sobressalto da primeira surpresa e já toda gente pensava em correr a casa e encerrar-se. Mulheres levavam as mãos à cabeça, chamando os filhos, gemendo de mansinho umas, lamentando-se outras em altos gritos. Uma consternação! Pensar na resistência ninguém poderia fazê-lo. A vila, bonacheirona, confiara ao céu a tarefa de a livrar dos rebeldes: entre todos os habitantes não seria fácil encontrar e reunir mais de meia dúzia de espingardas. [...] Os cabanos tinham vindo por terra surpreender a vila em plena festa de Ramos. Guiara-os pelo mato o Mané Chico, o inimigo do juiz de direito, ficando no furo da Jararaca, a duas milhas de distância, as numerosas canoas da expedição rebelde. [...] E tomando a caboclinha nos braços, levou-a para o templo. Constâncio, barafustando, protestava aos gritos, arrastado por dois sicários [assassinos]. [...] O desenlace do caso é evidente: recusando-se a satisfazer ao sicário, o padre foi assassinado sobre os degraus do altar. Mas nem por isso a cheirosa e inocente Mariazinha deixou de ser, de então em diante, a concubina do caudilho, que a violou ali mesmo, na sacristia.” (CARVALHO, João Marques. *Contos do Norte*. 2. ed. Belém: Tipografia Elzeviriana, 1907. p. 114-122)

Quanto à interpretação do texto, é correto afirmar:

- (A) O narrador recorre a um vocabulário específico (“cabanada”, “revolução tremenda”, “rebeldes”, “violou”, etc.) para construir uma imagem negativa do movimento cabano.
- (B) Os cabanos, na perspectiva de Marques de Carvalho, contavam com amplo apoio popular, por representarem uma forma de resistência ao domínio das elites locais.
- (C) O narrador, ainda que relate a morte de um padre pelos “rebeldes”, justifica gestos de violência extrema em nome da garantia da vitória cabana contra as forças legais.
- (D) A violência sexual praticada contra Mariazinha constitui um caso isolado, de acordo com o texto, prendendo-se mais a uma vingança pessoal.
- (E) A vila atacada pelos cabanos foi escolhida por sua função estratégica para um posterior ataque à Capital do Estado.

- 17 Leia o comentário de Alfredo Bosi, a seguir transcrito, acerca do livro *Últimos Sonetos* (1905), de Cruz e Sousa (1861-1898).

“Do Cristianismo Cruz e Sousa incorpora o Amor como alfa e ômega da conduta humana. Mas não é à união com a Pessoa divina, que conduz o seu roteiro espiritual. O termo da viagem ele o entrevê na *liberação* dos sentidos [...] É nesse contexto que se entendem as suas profissões de renúncia, de ascese, de estoica ataraxia. Com serenidade, o poeta olha a morte de frente como retorno fatal à matéria inorgânica, único modo de alcançar a glória silente do Nada.” (BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 311)

A alternativa que exemplifica o processo de liberação dos sentidos mencionado no excerto é

- (A) “Livre! Ser livre da matéria escrava, / Arrancar os grilhões que nos flagelam / E livre, penetrar nos Dons que selam / A alma e lhe emprestam toda a etérea lava.” (“Livre!”)
- (B) “Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro, / Ó ser humilde entre os humildes seres. / Embriagado, tonto dos prazeres, / O mundo para ti foi negro e duro.” (“Vida obscura”)
- (C) “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras / De luares, de neves, de neblinas!... / Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas... / Incensos dos turíbulos das aras...” (“Antífona”)
- (D) “Ó Cristos de ouro, de marfim, de prata, / Cristos ideais, serenos, luminosos, / Ensanguentados Cristos dolorosos / Cujas cabeça a Dor e a Luz retrata.” (“Cristo de bronze”)
- (E) “Ó Lua, Lua triste, amargurada, / Fantasma de brancuras vaporosas, / A tua nívea luz ciliciada / Faz murchecer e congelar as rosas.” (“Monja”)



18 Leia o poema de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa (1888-1935), a seguir transcrito.

“O que nós vemos das cousas são as cousas.  
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?  
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos  
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver,  
Saber ver sem estar a pensar,  
Saber ver quando se vê,  
E nem pensar quando se vê  
Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),  
Isso exige um estudo profundo,  
Uma aprendizagem de desaprender  
E uma sequestração na liberdade daquele convento  
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas  
E as flores as penitentes convictas de um só dia,  
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas  
Nem as flores senão flores,  
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.”  
(PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro:  
Nova Aguilar, 1986. p. 217-218)

Quanto à interpretação do texto, é correto afirmar:

- (A) Há, como se vê em “Saber ver sem estar a pensar”, a negação completa da dimensão racional do homem.
  - (B) Expressa-se uma defesa do emprego de metáforas pelos poetas, quando estas se referem a elementos da natureza (estrelas e flores).
  - (C) Defende-se a centralidade do ato de ver (“O essencial é saber ver”), desvinculado do pensamento (“Saber ver sem estar a pensar”).
  - (D) O excerto “as flores as penitentes convictas de um só dia” indica a retomada de elementos simbolistas por Caeiro.
  - (E) A representação da natureza por Caeiro baseia-se em puras abstrações conceituais, que exigem “um estudo profundo”.
- 19 Nos excertos de “Embargo”, de José Saramago (1922-2010), assinale aquele em que se evidencia o completo domínio do homem pela máquina.
- (A) “Fumou o primeiro cigarro enquanto se barbeava e o segundo com o café, que entretanto aquecera. Tossiu como todas as manhãs. Depois vestiu-se às apalpadelas, sem acender a luz do quarto. Não queria acordar a mulher. Um cheiro fresco de água-de-colônia avivou a penumbra.”
  - (B) “O automóvel apareceu-lhe coberto de gotículas, os vidros tapados de humidade. Se não fosse o frio tanto, poderia dizer-se que transpirava como um corpo vivo. Olhou os pneus segundo o seu hábito, verificou de passagem que a antena não fora partida e abriu a porta.”
  - (C) “Olhou o relógio. Deviam estar à frente uns vinte carros. Nada de exagerado. Mas pensou que o melhor seria ir primeiramente ao escritório e deixar as voltas para a tarde, já cheio o depósito, sem preocupações.”
  - (D) “Cerca de meia hora depois metia meio litro de gasolina no depósito, sentindo-se ridículo sob o olhar desdenhoso do empregado da bomba. Deu uma gorjeta absurdamente alta e arrancou num grande alarido de pneus e acelerações. Que diabo de ideia.”
  - (E) “Por duas vezes falou baixinho quando o assento o segurou, por duas vezes tentou convencer o automóvel a deixá-lo sair a bem [...] As feridas da cabeça e da mão voltaram a sangrar. E ele, soluçando, sufocado, gemendo como um animal aterrorizado, continuou a conduzir o carro. A deixar-se conduzir.”





- 20 Em Dalcídio Jurandir (1909-1979), escritor modernista paraense, fundem-se, por vezes, o discurso metafórico e a crítica social, como se constata no seguinte fragmento de *Marajó* (1947):
- (A) “Campos do seu pai; a grande propriedade ao longo da ilha, cercas de arame, currais, lagos, malhadas, Chaves, Anajás, Soure, Cachoeira. Nas palhoças de vaqueiros, perdidas aqui e ali nos descampados, as tristes mulheres espiavam.”
  - (B) “Missunga entrava no capoeiral vizinho, seguindo o cão. Exibia ao ombro a espingarda e espreitava os esconderijos mais próximos. As tocas desertas, os ocos de pau vazios. Detinha-se, vencido, diante do mato virgem.”
  - (C) “Os olhos do Coronel Coutinho deram com a estampa de N. Sra. de Nazaré meio descolada da parede. Ouviase vagamente um rumor de remos pelo igarapé. A necessidade que teve de mandar prender três homens que pescavam nos seus lagos em Cachoeira.”
  - (D) “Ouviam-se as cigarras nos siriubais vizinhos. Os japiins mais de longe teimavam (*sic*) disfarçar aquela solidão grande que espremia da terra aqueles rios de miséria e febres caminhando para a baía.”
  - (E) “Alguém tossiu na cozinha. Um cheiro de remédio se espalhou. Como a conversação não continuasse, Alaíde foi buscar a baúta, deixou na raiz da mangueira. Ladeou a barraca, sempre rente à parede, até os fundos e ficou oculta atrás da laranjeira da terra.”

## FILOSOFIA

- 21 Para Bacon, se o homem quiser conhecer a verdadeira forma da natureza, deverá purificar sua mente dos ídolos e noções falsas que obstruem o acesso à verdade. São quatro os ídolos que bloqueiam a mente humana: ídolos da tribo, ídolos da caverna ídolos do foro e ídolos do teatro.

Os ídolos da caverna dizem respeito a preconceitos ou noções falsas

- (A) advindos da autoridade dos pensadores consagrados, das religiões e da própria ciência.
- (B) provenientes das relações entre os homens na sua vida social, mais especificamente, residem na linguagem e no mau uso que se faz dela.
- (C) oriundos da própria natureza singular de cada indivíduo, de sua história de vida, de sua formação, de seus hábitos e das leituras que faz.
- (D) fundados na própria natureza humana, pois dela provêm as ilusões antropomórficas, os erros causados pelos sentidos e pelas paixões.
- (E) referentes às ilusões propaladas pelos sistemas filosóficos, principalmente pelo de Platão.

- 22 “Na primeira [meditação], adianto as razões pelas quais podemos duvidar geralmente de todas as coisas, e particularmente das coisas materiais, pelo menos enquanto não tivermos outros fundamentos nas ciências além dos que tivemos até o presente. Ora, se bem que a utilidade de uma dúvida tão geral não se revele desde o início, ela é todavia nisso grande, porque nos liberta de toda sorte de prejuízos e nos prepara um caminho muito fácil para acostumar nosso espírito a desligar-se dos sentidos, e, enfim, naquilo que torna impossível que possamos ter qualquer dúvida quanto ao que descobriremos, depois, ser verdadeiro”.

(DESCARTES, R. *Meditações*. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 79).

Quanto às razões para Descartes duvidar de todas as coisas, analise os itens seguintes.

- I Estabelecer alguma coisa de firme e constante nas ciências.
- II Eliminar do espírito todas as falsas opiniões que obstruem o acesso à verdade.
- III Mostrar que é mais fácil se chegar a uma verdade sobre o corpo do que o espírito.
- IV Demonstrar a impossibilidade de se atingir uma verdade indubitável.

Estão corretos os itens

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e IV, somente.
- (D) I, III e IV, somente.
- (E) II, III e IV, somente.



23 Aristóteles, em sua obra *Órganon*, dividiu as proposições quanto à quantidade em universais e particulares, e quanto à qualidade em afirmativas e negativas; e estabeleceu algumas relações de oposição entre elas, destacando, dentre outras, duas principais: os opostos contrários e os opostos contraditórios.

Assim, de acordo com estas relações de oposição, as proposições 'Todo homem é justo' e 'Algum homem não é justo' são opostos contraditórios porque

- (A) a afirmação e a negação apresentam, igualmente, um caráter universal; o sujeito em ambos não é tomado em toda sua extensão.
- (B) a universal afirmativa é incompatível com a universal negativa e, reciprocamente, pois tanto uma quanto a outra tomam o mesmo sujeito em toda a sua extensão.
- (C) ambas são proposições que têm a mesma extensão, mas diferem quanto à qualidade.
- (D) a proposição universal afirmativa contradiz a proposição universal negativa.
- (E) há uma oposição quanto à qualidade, pois enquanto uma afirma, a outra nega, e quanto à quantidade, pois o sujeito, em ambas, não tem a mesma extensão.

24 “[...] temos a clara diferença entre o estado de natureza e o estado de guerra que, muito embora certas pessoas tenham confundido, estão tão distantes um do outro como um estado de paz, boa vontade, assistência mútua e preservação estão de um estado de inimizade, malícia, violência e destruição mútua. Quando os homens vivem juntos conforme a razão, sem um superior comum na terra que possua autoridade para julgar entre eles, verifica-se propriamente o estado de natureza. Todavia, a força, ou um desígnio declarado de força, contra a pessoa de outrem, quando não existe qualquer superior comum sobre a terra para quem apelar, constitui o estado de guerra.”

(LOCKE, J. *Segundo tratado sobre o governo*, São Paulo: abril cultural, 1978, p. 41).

Sobre a diferença entre o estado de natureza e o estado de guerra para Locke, analise as afirmativas seguintes.

- I A falta de um juiz imparcial para julgar as controvérsias que nascem entre os indivíduos caracteriza o estado de natureza; a força sem o direito sobre a pessoa de um homem caracteriza o estado de guerra quando não há juiz comum.
- II Embora não expresse, Locke contrapõe-se à tradição hobbesiana ao estabelecer a distinção entre o estado de natureza e o estado de guerra.
- III Ao apresentar o estado de natureza como de paz, benevolência, assistência mútua e preservação, e o estado de guerra como de inimizade, maldade, violência e destruição mútua, considera o estado de natureza como a antítese do estado de guerra hobbesiano.
- IV As grandes controvérsias entre os indivíduos, tanto no estado de natureza quanto no estado de guerra, têm como foco divergências sobre o que é justiça. Tais contendas se resolvem com a instauração de um poder soberano.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e IV, somente.
- (D) I, II e III, somente.
- (E) II, III e IV, somente.



- 25 “Ora, todos os *imperativos* ordenam ou *hipotética* ou *categoricamente*.[...]. Como toda lei prática representa uma ação possível como boa e por isso como necessária para um sujeito praticamente determinável pela razão, todos os imperativos são fórmulas da determinação da ação que é necessária segundo o princípio de uma vontade boa de qualquer maneira.”

(KANT, I. *Fundamentação da metafísica dos costumes*, São Paulo: Abril cultural, 1980, p.124/125).

Considerando-se que os imperativos são ordenações da razão às ações humanas, no caso do imperativo categórico é correto afirmar que

- (A) sua fórmula expressa uma ação apenas como meio para qualquer outra coisa, ou seja, diz que ação é boa em vista de qualquer intenção possível ou real.
- (B) seu ordenamento representa uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem referência a um outro fim.
- (C) seu mandamento expressa a necessidade prática da ação como meio para se fomentar a felicidade.
- (D) determina, em sua ordenação, o que seria bom praticar ou deixar de praticar, tendo em vista os fins que norteiam a ação.
- (E) enquanto fórmula de determinação da ação estabelece *a priori* como cada indivíduo deve agir para atingir seus objetivos.

- 26 “A partir da subordinação do mundo histórico ao sistema do conhecimento natural, a filosofia de Comte surgiu no espírito da filosofia francesa do século VXIII; ao menos a subordinação do método de estudo de fatos espirituais aos métodos das ciências naturais foi mantida e defendida por Stuart Mill. [...]. Essas ciências [as ciências humanas] possuem uma base e uma estrutura totalmente diversas da base e da estrutura da natureza. Seu objeto é composto a partir de unidades dadas, não descobertas, que nos são compreensíveis internamente; nós sabemos que aqui compreendemos primeiro, para então paulatinamente conhecermos.”

(DILTHEY, W. *Introdução às Ciências Humanas*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2010, p. 131) .

Dilthey, contrapondo-se a Comte e Mill, advoga que as ciências humanas diferem radicalmente das ciências da natureza, e a principal diferença reside no fato de

- (A) haver no âmbito das ciências humanas uma diversidade de métodos entre elas para estudar o homem e de teorias para explicar suas ações.
- (B) as ciências humanas compreenderem seu objeto dialeticamente e as ciências naturais de forma estática.
- (C) não haver progresso no âmbito das ciências humanas, visto que nelas não há descobertas e, portanto, não há produção de novos conhecimentos.
- (D) elas recorrerem a métodos distintos para estudarem seus objetos; as ciências humanas utilizam os procedimentos indutivos e as ciências naturais, os dedutivos.
- (E) as ciências humanas estudarem unidades psíquicas que precisam, acima de tudo, ser compreendidas e não explicadas, como o fazem as ciências naturais com seus objetos de estudo.

- 27 “Existe uma espécie de ceticismo [...], muito recomendado por Descartes [...] [que] prega uma dúvida universal, não apenas sobre nossos anteriores princípios e opiniões, mas também sobre nossas próprias faculdades, de cuja veracidade, dizem, devemos nos assegurar por meio de uma cadeia argumentativa deduzida de algum princípio original que não tenha a menor possibilidade de ser fraudulento ou enganoso. Mas não existe qualquer princípio original desse tipo, dotado de uma prerrogativa sobre outros que são auto-evidentes e convincentes; nem, se existisse, poderíamos avançar um passo além dele, a não ser pelo uso daquelas próprias faculdades das quais já se supõe que desconfiamos. A dúvida cartesiana, portanto, se fosse alguma vez atingida (o que obviamente não é), seria totalmente incurável.”

(David Hume, *Investigação sobre o Entendimento Humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 204)

Para Hume, o ceticismo cartesiano é incurável porque

- (A) defende a impossibilidade total de atingirmos qualquer conhecimento verdadeiro sobre as coisas na medida em que tudo é duvidoso e incerto.
- (B) se duvidamos das nossas próprias capacidades racionais, como exige a dúvida cartesiana, não podemos recorrer a elas para deduzir seja o que for a partir do *cogito*.
- (C) considera essa espécie de ceticismo muito radical, na medida em que duvida dos sentidos, da realidade exterior e da própria razão, e propõe uma atitude de indiferença total perante o mundo.
- (D) prega a suspensão do juízo sobre todas as coisas como forma de encontrar o equilíbrio e a serenidade, num estado de desinteresse teórico motivado pela impossibilidade de se atingir a verdade acerca de qualquer coisa.
- (E) é contraditório, ao querer deduzir a certeza do *cogito* recorrendo à percepção sensível, uma vez que considera a via sensível passível de erros.



- 28 “Não pode haver nenhuma regra de gosto objetiva que determine através de conceito o que seja belo. Pois todo juízo proveniente desta fonte é estético; isto é, o sentimento do sujeito, e não um conceito de um objeto, é seu fundamento determinante. Procurar um princípio do gosto, que forneça o critério universal do belo através de conceitos determinados, é um esforço infrutífero, porque o que é procurado é impossível e em si mesmo contraditório.”

(KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*, Rio de Janeiro: Forense universitária, 1993, p. 77)

Sobre o juízo de gosto para Kant, analise as afirmativas seguintes.

- I Expressa um padrão estético individual de beleza, próprio de cada um, por isso não pode ser universalizado.
- II Trata-se de um juízo subjetivo na medida em que não se refere a quaisquer propriedades do objeto, mas sim ao sentimento do sujeito ao apreender o objeto.
- III Diz respeito ao sentimento do sujeito, por isso é relativo, podendo variar de acordo suas preferências e aversões.
- IV Esse juízo não se baseia em conceitos, por isso não pode haver um princípio ou regra de gosto que determine *a priori* um padrão universal de beleza.

Estão corretas as afirmativas:

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) II e IV, somente.
- (E) I, III e IV, somente.

- 29 “O uso geral da linguagem consiste em passar nosso discurso mental para um discurso verbal, ou a cadeia de nossos pensamentos para uma cadeia de palavras. E isto com duas utilidades, uma das quais consiste em registrar as consequências de nossos pensamentos, os quais, podendo escapar de nossa memória e levar-nos deste modo a um novo trabalho, podem ser novamente recordados por aquelas palavras com que foram marcados.”

(HOBBS, T. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril cultural, 1979, p. 21).

De acordo com Hobbes, o uso geral da linguagem consiste em

- (A) possibilitar que a comunicação verbal se realize e que as palavras ganhem significações diferentes, dependendo do contexto e das circunstâncias em que forem enunciadas.
- (B) passar do encadeamento de imagens e ideias, que ocorrem no plano do pensamento, para as conexões entre nomes e palavras, no plano verbal.
- (C) estabelecer uma correspondência biunívoca entre os enunciados e os fatos de forma tal que se tenham sentenças verdadeiras sobre as coisas.
- (D) encadear proposições entre si e construir argumentos que expressem nossos pensamentos sobre as coisas.
- (E) suscitar e criar novas significações, evocar recordações, imaginar o novo ou o inexistente.



- 30 “A palavra grega *techne* (da qual derivamos “técnica”) denotava uma habilidade ou ofício. Mas os gregos não a consideravam apenas como habilidade manual cultivada segundo regras não especificáveis de tradição oficial, senão como um ramo do conhecimento, uma forma de ciência prática. [...] No pronunciamento clássico [...] Aristóteles define *techne* (traduzido para “arte”) como “a capacidade de fabricar ou fazer alguma coisa com uma correta compreensão dos princípios envolvidos”. [...] Na *Ética*, Aristóteles distinguiu duas classes de *techne*, os ofícios pelos quais fazemos alguma coisa (*prakton*), e os ofícios pelos quais construímos alguma coisa (*poieton*).”

(OSBORNE, H. *Estética e Teoria da arte: uma introdução histórica*. São Paulo: Editora Cultrix, 1978, p. 36/37).

Acerca da *techne* para os gregos, analise as afirmativas seguintes.

- I Implica o domínio de uma habilidade básica de produzir alguma coisa com as próprias mãos para uso próprio ou de terceiros.
- II Trata-se da arte em seu sentido lato. Nessa acepção, artísticos são todos aqueles processos que, mediante o emprego de meios adequados, permitem-nos fazer bem uma determinada coisa.
- III No âmbito do significado de tal termo cabem tanto as artes da medida e da contagem quanto as manuais que saem das mãos dos artífices e as artes que os gregos consideravam imitativas, como a Pintura, a Escultura, a Poesia e a Música.
- IV Consiste de uma atividade humana que aplica os conhecimentos produzidos pela ciência; em termos modernos, pode ser entendida como a própria tecnologia.

Estão corretas as afirmativas

- (A) I e II, somente.
- (B) I e III, somente.
- (C) II e III, somente.
- (D) I e IV, somente.
- (E) II, III e IV, somente.

## HISTÓRIA

- 31 Leia o trecho abaixo sobre a definição de tempo histórico para o historiador Fernand Braudel e responda à questão proposta.

“Esta obra [*O Mediterrâneo*] divide-se em três partes, cada uma das quais pretende ser uma tentativa de explicação de conjunto. A primeira trata de uma história quase imóvel, a história do homem em suas relações com o meio que o rodeia (...) Acima desta história imóvel, pode distinguir-se uma outra, caracterizada por um ritmo lento (...) chamar-lhe-íamos de bom grado *história social*. (...) E, finalmente, a terceira parte, a da história tradicional, necessária se pretendermos uma história não à dimensão do homem, mas do indivíduo, uma história de acontecimentos...”

(BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico*. Vol. 1. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1995, p. 25).

No trecho acima, Braudel expõe sua divisão tripartida do tempo histórico. Dentro desta teoria geral do tempo, a história, em seu conjunto, deveria juntar os três tempos,

- (A) priorizando o tempo dos acontecimentos históricos que ajudavam a compor a história diplomática e política construída por Felipe II no mar Mediterrâneo desde o século XVII até nossos dias.
- (B) equilibrando-os e marcando cada tempo com igual grau de importância, começando do tempo presente (tempo dos acontecimentos), para o tempo do passado próximo até o mais distante (tempo da longa duração).
- (C) trabalhando cada qual em seu conjunto, de forma a compreender como o tempo curto (acontecimental) e o médio (social) estavam associados à longa duração, história total priorizada por Braudel.
- (D) equilibrando os tempos mais longos com os mais curtos, de forma a que todos se associassem dentro do tempo social médio, em que os acontecimentos e a natureza eram mais bem entendidos social e politicamente.
- (E) priorizando a história de curta duração (tempo do indivíduo), pois, para Braudel, eram os grandes homens que faziam caminhar os outros dois tempos: o social e o antropológico, o de média e o de longa duração.



32 Leia o trecho abaixo, no qual Karl Marx descreve o que conceitua por história, e responda à questão proposta.

“A condição primeira de toda história humana é, naturalmente, a existência de seres humanos. Pode-se, contudo, se distinguir os homens dos animais, porque os homens, ao trabalharem, produzem os meios de sua existência. Daí se entende que a maneira pela qual os indivíduos manifestam a sua vida reflete muito exatamente o que são. O que eles são, portanto, coincide com o seu trabalho e produção: tanto com o que produzem, quanto com a maneira pela qual produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção, da divisão social do trabalho e do regime histórico de propriedade. Assim, em linhas muito gerais, a história humana divide-se em história da divisão do trabalho e dos modos de produção e caminha do modo de produção tribal (comunal primitivo), vai para o escravista Estatal, para o Feudal, para o Capitalista e futuramente poderá chegar ao comunista científico.”

(Texto adaptado de Karl Marx. *Marx Sociologia*. São Paulo: Ática, 1996, pp. 45-47).

Pelo trecho, percebe-se a concretude do materialismo histórico marxista, segundo o qual a história humana seria concreta, porque definia-se centralmente pelas

- (A) condições materiais de existência, como as relações sociais do trabalho e a configuração dos modos de se produzir desde o mundo pré-histórico e antigo até nossos dias.
- (B) relações políticas e dos homens de Estado, que na sua concretude escreviam as principais páginas que mudaram a história humana em sua relação com o social e o mundo do trabalho.
- (C) variadas produções materiais e pelas diferentes economias globais. Centralmente, Marx avaliava que a história humana era econômica e feita pelas relações de mercado e mudanças nas práticas capitalistas de existência ao longo do tempo.
- (D) relações sociais e econômicas entre patrões e operários ao longo do tempo. Sempre haveria o trabalhador livre explorado e o patrão com prática de exploração do trabalho livre e das horas de descanso do trabalhador.
- (E) condições sociais de existência humana, em que os mais pobres são explorados pelos mais ricos desde a pré-história até a revolução comunista. No entanto a exploração seria maximizada no Feudalismo.

33 Leia o trecho sobre a situação de trabalho dos indígenas na Amazônia colonial.

“Em meados do século XVIII na atual Amazônia a impressão de harmonia entre os interesses da Coroa portuguesa e os da Cia de Jesus desaparece quando examinamos a atuação dos jesuítas. Convictos de sua missão, eles tratavam os aldeamentos como verdadeiras propriedades. Com frequência desconheciam as determinações reais que procuravam limitar seu controle sobre os índios. Sem enveredar pela dicotomia entre santos e demônios, podemos afirmar que os próprios índios pareciam demonstrar grande aversão ao trabalho nas propriedades dos colonos e nas obras públicas.”

(Texto adaptado de José Alves de Souza Júnior. Jesuítas, colonos e índios: a disputa pelo controle e exploração do trabalho indígena. In Rafael Chambouleyron e outro. *Trópicos de história: gente, espaço e tempo na Amazônia (Séculos XVII a XIX)*. Belém: UFPA, 2010, p. 61).

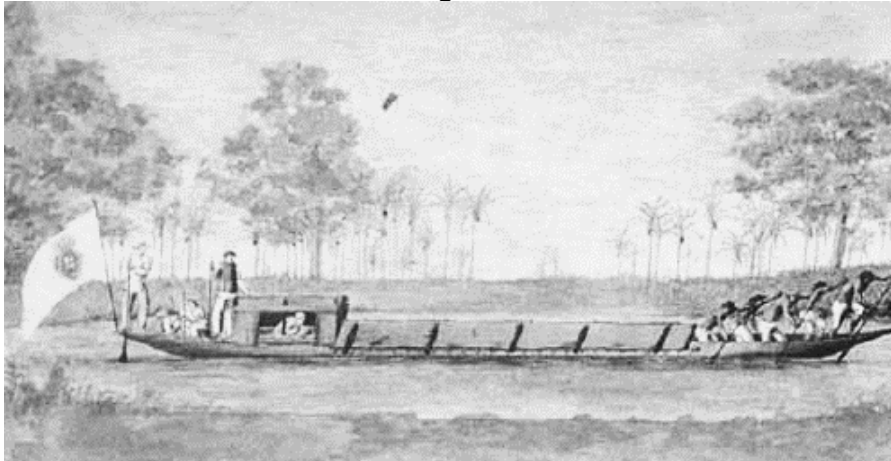
O trecho acima denuncia uma relação de conflito entre os jesuítas e os colonos portugueses na Amazônia colonial. No coração deste conflito, estavam os indígenas e a exploração de seu trabalho. Jesuítas e colonos disputavam o uso da mão de obra indígena

- (A) cotidianamente, pois dividiam o serviço dos indígenas escravizados, que trabalhavam em um determinado horário nas fazendas jesuíticas e em outro nas dos colonos.
- (B) periodicamente, pois nas estações chuvosas os indígenas iam descansar nas fazendas jesuíticas e nas secas plantavam e era escravizados pelos colonos.
- (C) separadamente, pois os indígenas somente trabalhavam para os jesuítas, mas os colonos desejavam esta mão de obra. Revoltavam-se pedindo a expulsão jesuítica da Amazônia.
- (D) sobretudo na segunda metade do século XVIII, quando os indígenas foram tratados pelos jesuítas como suas propriedades e os colonos, juntamente com a Coroa portuguesa, desejavam quebrar este controle.
- (E) apenas no século XVIII, quando os jesuítas ganharam força política com o Marquês de Pombal e passaram a ter os indígenas como sua propriedade escrava, deixando o trabalho dos moradores somente aos escravos africanos.



34 Observe a Imagem 1 abaixo.

Imagem 1



Barco da expedição de Ferreira. *Revista Ciência Hoje* jul 1997.

[http://www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/212/n/dilemas\\_de\\_um\\_naturalista\\_na\\_amazonia\\_colonial](http://www.cienciahoje.org.br/revista/materia/id/212/n/dilemas_de_um_naturalista_na_amazonia_colonial).

Acessada em 10 10 2016.

A imagem 1 faz parte de um rico acervo, fruto de uma viagem comandada pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira. Ao longo da jornada, foi produzida uma grande quantidade de materiais, como diários, mapas populacionais e agrícolas, cerca de 900 desenhos e aquarelas (além de pinturas a óleo de vilas, fachadas de prédios, panoramas de rios e cachoeiras) e dezenas de memórias (artigos) dedicados às plantas, animais e índios. Pela imagem, percebe-se nitidamente uma hierarquização entre os colonizadores expedicionários (brancos e em pé à esquerda na imagem) e os indígenas (remadores à direita da pintura), pois os

- (A) brancos carregam a bandeira do conquistador espanhol Rodrigues e os indígenas vão no fundo da embarcação e só fazem trabalhos braçais, como remar e trabalhar para os donos dos barcos e das bandeiras.
- (B) indígenas são ilustrados como remadores, ou seja, trabalhadores braçais. Já na outra ponta da canoa os brancos colonizadores portugueses estão em posição destacada, bem vestidos e próximos à bandeira lusitana, símbolo da conquista.
- (C) portugueses são identificados de um lado da canoa e os indígenas de outro, mostrando o distanciamento e o preconceito que marcavam toda a relação colonial: segregacionista, preconceituosa e eternamente escravocrata para os indígenas.
- (D) indígenas eram retratados de forma diferenciada: ou estavam sentados no barco ou de cabeça baixa. Já os colonizadores espanhóis e portugueses mantinham a cabeça alta e remavam o barco de pé, em claro ar de superioridade no trabalho.
- (E) brancos lusitanos eram vistos como homens com característica de civilização. Já os indígenas eram comparados aos animais: mais curvados e submissos, pois estes eram muito selvagens e ainda não conheciam e nem lutavam por seus direitos.

- 35 Observe a Imagem 2, que representa o trabalho de um sapateiro de origem afro-brasileira vivendo no Pará-Brasil do século XIX.

**Imagem 2**



François Biard. Uma botica no Pará. *Deux Années au Brésil*. Paris: Livraria Hachette. 1862. P. 319. Ver site Biblioteca Brasileira USP. <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/00285600#page/1/mode/1up>. Acessada em 09 10 2016.

Com base nessa imagem e no que se conhece sobre a relação de trabalho neste local e período histórico, entende-se que o homem ali representado era normalmente um trabalhador

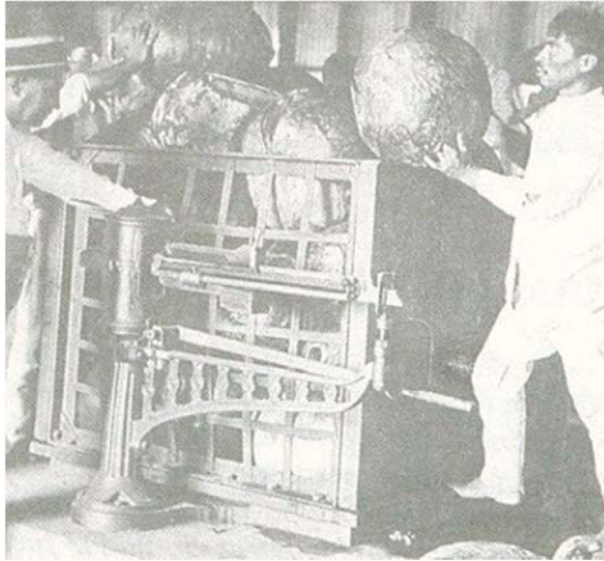
- (A) escravizado, pois os trabalhos dos negros de origem africana, sobretudo os de ofícios braçais, como os de trabalhos manuais, como sapateiros e barqueiros, que eram exclusivamente feitos por escravos.
- (B) escravizado ou liberto, porque os trabalhos de ofício em cidades e centros urbanos geralmente eram feitos por negros de ganho (trabalhadores escravizados) ou por libertos que por diversos motivos tinham conseguido a liberdade.
- (C) livre empobrecido, pois ofícios especializados, como os de sapateiro, normalmente eram feitos por homens mestiços que já haviam nascido livres e com acesso a escolas de formação de ofício.
- (D) liberto enriquecido, pois os trabalhos manuais e artesanais, como os de sapateiro, tinham alta remuneração e só eram feitos por trabalhadores livres da escravidão e que puderam enriquecer.
- (E) escravizado, pois todos os tipos de trabalho eram feitos por escravos numa sociedade como a brasileira do século XIX cuja matriz era escravista, monocultora e agroexportadora.





- 36 Observe a Imagem 3, uma fotografia sobre a vida no seringal da Amazônia brasileira no final do século XIX e início do XX.

**Imagem 3**



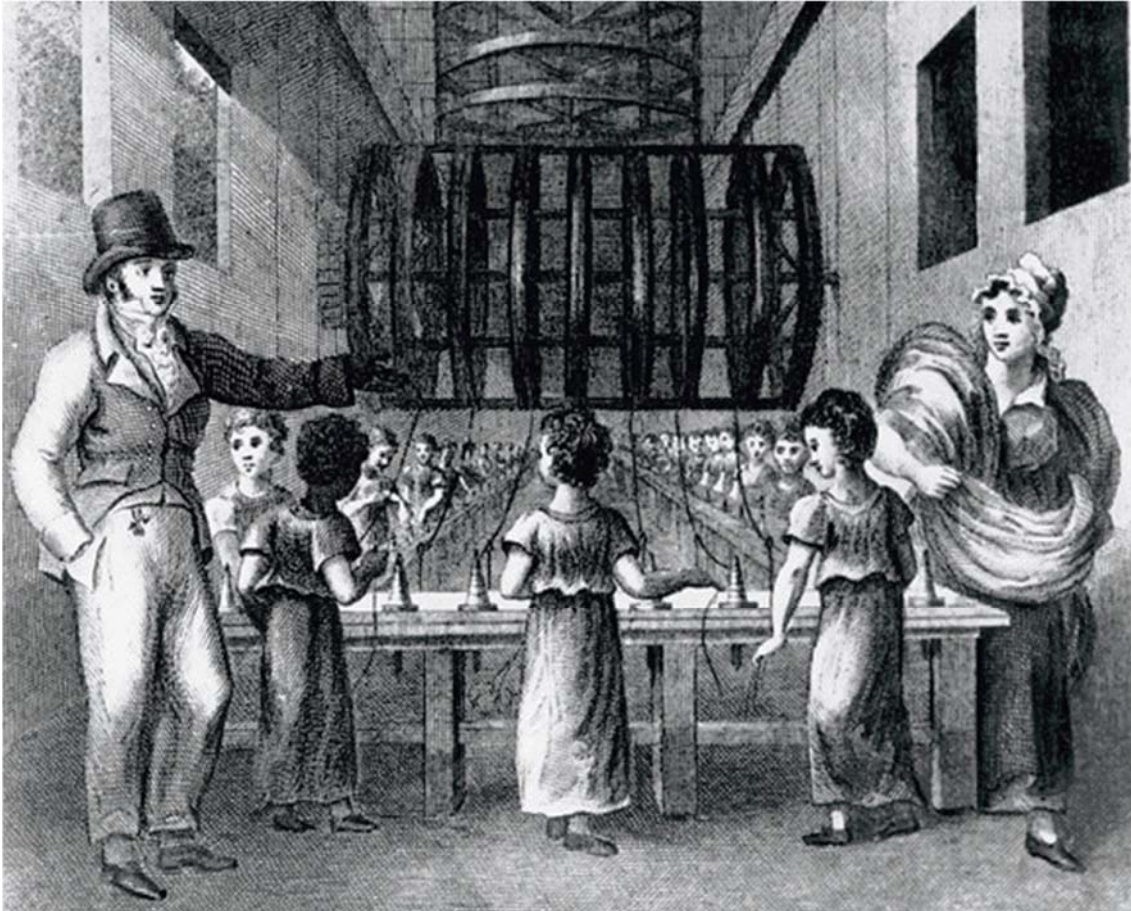
Seringueiro no barracão com as bolas de borracha. Site Frank Chaves. A economia da borracha no Pará.  
<http://frankchaves-ita.blogspot.com.br/2014/09/a-economia-da-borracha-no-para.html>.  
Acessado em 10 10 2016.

A imagem representa a entrega que o seringueiro fazia cotidianamente do fruto de seu trabalho a bola de borracha, a seu patrão no barracão. Neste processo, o trabalhador seringueiro caracterizava-se por trocar

- (A) todo tipo de mercadorias necessárias à sobrevivência nas zonas de seringa. As contas eram acertadas periodicamente, mas normalmente havia endividamento do seringueiro, pois a venda era monopolizada pelos donos dos barracões.
- (B) dinheiro em espécie, que o seringueiro reutilizava para comprar mercadorias no barracão do seringalista, sendo explorado nos preços e na qualidade dos produtos comprados, normalmente falsificados e com pesos e medidas adulterados.
- (C) títulos de dívidas marcadas em cadernetas controladas pelas casas aviadoras e bancos privados, que controlavam o crédito do seringueiro, reduzindo-o ao trabalho escravo, pior do que o do negro de origem africana.
- (D) dinheiro estrangeiro trazido pelos investidores estrangeiros. Contudo os seringueiros tinham que trocar a moeda estrangeira nos barracões e o câmbio quase sempre era fraudado, o que gerava muitas dívidas e problemas sociais.
- (E) trabalho escravo por cadernetas de dívidas anotadas pelos seringalistas que, pessoalmente, controlavam as dívidas dos seus trabalhadores em suas vendas (barracões), cuidando para endividá-los com juros e taxas abusivas pela distância e isolamento dos seringueiros.

37 Observe a Imagem 4, na qual se percebem muitas crianças trabalhando em uma fábrica de algodão.

**Imagem 4**



Crianças que trabalham em uma fábrica de algodão. Inglaterra Séculos XVIII e XIX. Site BBC school [http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/victorian\\_britain/children\\_in\\_factories/](http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/victorian_britain/children_in_factories/). Acessado em 10 10 2016

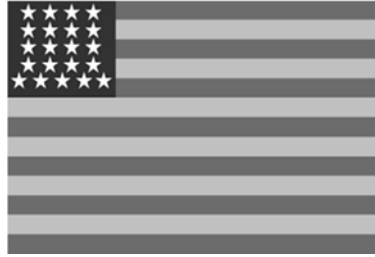
Esta próxima relação com o trabalho infantil retratada na imagem foi comum e cotidiana na Inglaterra da segunda metade do século XVIII e início do XIX. O trabalho infantil era valorizado porque

- (A) não havia leis trabalhistas e os patrões queriam trabalhadores jovens e produtivos, preferindo as crianças e jovens pelo tempo de vida útil deles e pela possibilidade de lhes dar educação pelo trabalho, matriculando-os em escolas católicas.
- (B) os patrões valorizavam ampliar seus lucros e as crianças eram uma mão de obra barata, ágil e na época livre de fiscalização e de regulamentação para seu trabalho.
- (C) as crianças poderiam trabalhar juntas com seus pais, gerando maiores lucros para os patrões, que as alimentavam, mas só pagavam os salários de seus pais e os devidos impostos para o governo.
- (D) os patrões utilizavam trabalhadores vadios e viciados, e assim o trabalho infantil era uma forma de “educação” forçada nesta época, porém a repressão era tanta que este sistema fracassou.
- (E) as crianças trabalhavam como parte de suas atividades escolares nas escolas do governo britânico, contudo, devido aos muitos abusos, o sistema fracassou.



38 Observe as duas bandeiras republicanas brasileiras e responda à questão proposta.

**Figura 1**

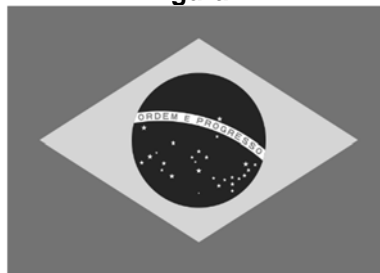


Primeira bandeira republicana do Brasil (1889).

<http://historiaporimagem.blogspot.com.br/2011/11/primeira-bandeira-do-brasil-republica.html>.

Acessado em 12 10 2016.

**Figura 2**



Bandeira Republicana Brasileira.

Site Bandeira Nacional <http://www.bandeiranacional.com.br/>.

Acessado em 10 10 2016

As duas bandeiras foram criadas nos primeiros anos do governo republicano no Brasil. Embora haja semelhanças entre elas, como as cores verde e amarela e o uso das estrelas simbolizando os Estados nacionais, são propostas diferentes que exprimem diversas posições republicanas presentes no Brasil do final do século XIX e início do XX. As diferenças mais marcantes são as listas horizontais na primeira que simbolizavam o(a)

- (A) vontade de dividir o Brasil com Estados mais rurais (e verdes) e Estados mais urbanos e ricos (as amarelas). Isto foi alterado numa ideia positivista de que a Ordem e o Progresso juntariam a riqueza amarela com o Brasil rural verde.
- (B) ideia de separar o Brasil em Estados populosos (amarelos) e vazios (em verde). Já na nova bandeira a grande quantidade de pessoas estava no coração da nova nação, junto com o lema Ordem e Progresso.
- (C) desejo de criar a união entre os brasileiros de todas as cores e etnias, misturando cores tão diferentes, como o verde, o amarelo, o azul e o branco. Já a segunda bandeira deixava clara a segregação das cores, atribuindo mais valor à cor branca no seu interior, que representava as lideranças republicanas de origem europeia.
- (D) vontade de associar as diferentes culturas do Brasil, somando a cultura e a religião católica (em amarelo – cores do Vaticano) com as dos povos indígenas (representadas nas cores das matas nacionais – verde). Já na bandeira seguinte o catolicismo domina o centro da ideia republicana.
- (E) desejo supostamente igualitário de se implantar um sistema federalista no Brasil próximo ao norte-americano, opondo-se, dessa forma, ao centralismo monárquico que foi mantido na segunda bandeira, mais preocupada em que do meio da nova nação surgisse ordem e progresso, lemas positivistas.



39 “Decisão do Supremo Tribunal Federal de 2010 considerou que os crimes praticados por agentes públicos contra os oponentes ao regime político então vigente também seriam anistiados pela Lei 6.683/79. Posteriormente, a Corte Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) condenou o Estado brasileiro por não ter investigado o desaparecimento de 64 opositores ao regime ditatorial durante a chamada Guerrilha do Araguaia. Além disso, determinou a anulação de dispositivos legais brasileiros que impedem a punição dos responsáveis por crimes comuns cometidos durante a ditadura”.

Com base na leitura do trecho acima e no que se conhece sobre os anos finais da ditadura militar no Brasil pós 1964, é correto afirmar que, em 2010, o Supremo Tribunal Federal e a Corte Interamericana da OEA debatiam alterações na

- (A) Lei da Anistia, que em 1989 terminou com a ditadura militar, recriou a pluralidade dos partidos políticos, mas anistiou dos crimes os militares e torturadores.
- (B) Lei das Diretas Já, que em 1984, impulsionada pelos movimentos de rua, derrubou a ditadura militar imposta desde 1964 e determinou prisões arbitrárias para os torturadores.
- (C) Lei Tancredo Neves de Anistia, que em 1979 anistiou todos os presos políticos, mas não os puniu por seus crimes comuns, como também não puniu os torturadores militares.
- (D) Lei da Anistia, que em 1979 perdoou os crimes políticos igualmente aos militantes antiditadura e aos executores militares e torturadores, com afronta aos direitos humanos.
- (E) Lei anticorrupção de anistia, que perdoou os crimes militares como desvios de verbas e uso indevido da máquina do Estado, anistiando-os sem ônus.

40 Leia o trecho da propaganda da exposição sobre o Muro de Berlim aberta pelo “Centro de Documentação Renovado do Memorial”.

“Em 9 de Novembro, 2014, o 25º aniversário da queda do Muro, a nova exposição permanente “1961 | 1989. O Muro de Berlim” foi aberta no *Centro de Documentação Renovado do Memorial*. A exposição, que abrange 420 metros quadrados, é dedicada à história da divisão de Berlim. Ela explica a situação política e histórica que levou à construção do Muro, sua queda, e a reunificação da Alemanha. Por que o Muro foi construído? Por que durou tanto tempo? Por que caiu em 1989? Estas questões são o foco da exposição multimídia que contém numerosos artefactos, documentos biográficos e meios audiovisuais. A exposição se conecta à história dos acontecimentos políticos com história social, mostrando como a divisão brutal da cidade afetou o povo”.

Site Berlim wall memorial. <http://www.berliner-mauer-gedenkstaette.de/en/berlin-wall-documentation-center-213.html>.

Acessado em 9 10 2016.

A derrubada do muro significou o/a

- (A) fim da política internacional da guerra fria e o enfraquecimento dos regimes de tradição comunista fechada (cortina de ferro) com o impulso do mundo capitalizado e neoliberal.
- (B) fim do bloco comunista com a extinção do regime, mundialmente falando, e a imposição da nova ordem neoliberal encabeçada pelos EUA.
- (C) profunda alteração na política internacional com o enfraquecimento da guerra fria e o nascimento da hegemonia norte-americana sobre a China e URSS (neoliberalismo).
- (D) rápida mudança nas relações internacionais com uma inédita aliança entre EUA e Rússia, que possibilitou o nascimento do neoliberalismo e o fim do comunismo de esquerda.
- (E) fim da guerra fria com o desmantelamento do bloco comunista russo e seu domínio pelo bloco capitalista norte-americano, agora aliado aos chineses (neoliberalismo).